

# **O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PELO COORDENADOR PEDAGÓGICO: A MEDIAÇÃO DE LEITURA EM AULA PARA ALUNO EM REFORÇO ESCOLAR**

**Ciro Carlos Antunes**

**RESUMO:** A mediação em ensino de língua portuguesa aplicada por um coordenador pedagógico requer que esse profissional faça uso de uma metodologia viável ao grupo de alunos que participam, ao dar lição de reforço o professor não deve planejar todo conteúdo de uma só vez, mas parte por parte e faça a síntese no final e ouve sempre o que o seu aluno tem a dizer, nunca entrar despreparado para ministrar uma aula.

**Palavras-chave:** Aula de reforço; mediação, leitura; professor coordenador-pedagógico.

Pretende-se neste trabalho especificar algumas concepções sobre aula de reforço e a relação coordenador-pedagógico mediadas pela leitura.

As aulas de reforço acontecem periodicamente para mediação da leitura, preencher lacunas no aprendizado, revisar conteúdos teóricos, desenvolverem e reorganizarem os tópicos vistos em sala de aula e não apreendidos pelo aluno.

Durante as aulas, o professor-coordenador aplica tarefas e exercícios de mediação de leitura ao trabalhar substância de censo crítico, organização, interpretação, coesão, coerência e raciocínio lógico dos alunos.

O coordenador pedagógico tem o propósito de solucionar dúvidas pontuais dos discentes, revisar conteúdos e resolver exercícios de fixação, de modo a preparar o aprendiz para a apreensão de eixos temáticos: lexicais, gramaticais e pragmáticos.

As aulas acontecem de modo “personalizado”, onde se identifica a dificuldade do aluno e trabalha para que ele tenha a compreensão da matéria, que saiba compreender o tema com segurança, melhore seu desempenho escolar e social a partir da mediação da leitura contextualizada.

O coordenador pedagógico tem o papel de mediar a leitura, interferir nas limitações do saber e na produção de texto do aluno acompanhando nas dificuldades encontradas por este no processo de mediação.

A aprendizagem parte da vontade do aluno ao ser sensibilizado com o apoio do coordenador pedagógico como figura experiente, qualificada e treinada para preencher as lacunas deixadas ao longo da carreira acadêmica, as quais dificultam a compreensão das matérias atuais; reforçar a base dos conhecimentos, para que novos assuntos sejam facilmente assimilados.

Com o desenvolvimento da autoestima o aluno desenvolve no processo de aprendizagem, partindo de um acompanhamento processual, conceitual e atitudinal, indicado nos casos em que há algumas dificuldades de estudo e não podem ser resolvidas de forma imediata. Com a mediação, esses problemas serão tratados com mais atenção e cuidado, tornando, dessa forma, o resultado mais eficaz e o estudo mais prazeroso pela discursivização promovida entre professor recuperador, e alunos versus alunos.

Hoje em dia não é difícil defender que a leitura é obrigatoriedade na escola e na vida social do discente. A significação do conceito de leitura é parecida com outros conceitos como o de cidadania e ética por exemplos, o significante de leitura é visto

como um valor absoluto positivo, não contestável a toda prova no consenso universal de educação.

“Normalmente, a leitura de um adulto tem uma finalidade concreta que pode ser tão variada como o desejo de distrair-se, a busca de uma informação, a vontade como o desejo de distrair-se, a busca de uma informação, a vontade de adquirir conhecimentos, etc.”, (COLOMER e CAMPS, p. 47). O propósito da leitura é determinada pela intenção do leitor ao fazer sua escolha do livro para ser lido. Ele ler para uma finalidade específica de reter uma informação, adquirir mais conhecimento ou apenas como um lazer.

A leitura possibilita meios de perceber, diagnosticar os problemas concretos que envolvem o aluno em defasagem, bem como identificar quais podem fazê-lo apreender por meio da curiosidade e dos cinco sentidos: audição, olfato, paladar, tato e visão. Pois, vendo, Tateando, ouvindo e sentindo as emoções estamos aptos a apreender muitas coisas novas e por horas alguns cursos exigem o estágio observado.

Constatamos que existem várias pesquisas sobre leitura, oralidade e os processos de escrita dos alunos em sala de aula, que indicam um acúmulo de um valor social de leitura que contrasta frequentemente com a falta de unidade e continuidade das ações em favor da valorização do ato de ler por um arcaísmo descontínuo, multifacetado em sala de aula, em que a criança é alfabetizada e depois estagnada na temporalidade escolar por não produzir textos com finalidades específicas.

Outro fator importante em sala de aula é o tempo. Este, por sua vez, tem a função de cronometrar o currículo para o ensino de leitura e de produção textual. É um pilar fundamental para aprender em uma unidade possível de intervenção, seja na temporalidade da aplicação curricular, ou maturidade intelectual da criança.

O problema no processo de leitura sob o olhar da mediação que ultrapassa os limites da sala de aula e vai em direção à sociedade onde o aluno está inserido para saber quais conhecimentos básicos ele tem de mundo para contextualizar, é adequar claramente e ter clareza no que se ensina e pede em determinadas questões.

Essas aulas permitem novas metodologias e não fundar novas instâncias retóricas em prol da leitura, mas sim consolidar as capacidades cognitivas descritoras feitas sobre as ações dedicadas à promoção de leitura, de rever as práticas pedagógicas e gestoras atribuídas pelo sistema nacional de ensino que define deveres, direitos aos professores e aos alunos, à família e à sociedade.

“Por um lado, embora a leitura de textos literários tenha um peso muito importante na área de língua nos primeiros níveis de escolaridade, o ensino literário sofre uma certa descontinuidade entre uma primeira etapa na qual se utiliza esses textos para a aprendizagem linguística, e uma segunda etapa, a partir do ensino médio, no qual tradicionalmente se iniciava a contextualização cultural e histórica” (COLOMER e CAMPS, p. 71-72). Em seguida, ler e escrever são atividades de ensino de linguagem que ocorrem a todo o momento na vida social do sujeito. Bem se sabe que não é nada fácil de fazer, mas necessário para a produção textual.

Na mediação de leitura, o coordenador pedagógico precisa ser um bom leitor e possibilitar meios indagativos ao aluno, aguçando sua curiosidade pela compreensão da tipologia ou gênero textual trabalhado naquele contexto de sala de aula.

O aluno precisa adentrar na história escrita ao ler ou ouvir para que desperte a curiosidade. Contar sagas coletivas, conhecer o histórico dos personagens, o foco narrativo é importante para a compreensão da narrativa. Nesse sentido, é preciso identificar o conhecimento perifrástico. Por fim, o modo de leitura e seus objetivos são sempre específicos, e, “o mediador não pode dar mais do que tem, ele pode transmitir

somente o que produziu mesmo em contextos difíceis, não somos impotentes, que dispomos de uma margem de manobra. Mas devo acrescentar que em certos contextos é preocupante a estreiteza dessa margem” (PETIT, 2010, p. 185-186).

Se o professor perguntar aos alunos qual livro eles leram, provavelmente um ou dois responderão timidamente por pensarem que ler é ser dedicar demais ao processo de aprendizagem. Mas se a pergunta for diferente, por exemplo: o que eles viram ou fizeram de interessante na rua, ou em casa. Provavelmente, todos se prontificarão a responder, pois esse tipo de leitura é feita pelos sentidos, em fazer assim como um jogo, um filme ou uma novela ao assisti-los.

Sabemos que “o texto não é produto da aplicação de regras e nem mesmo das regularidades genéricas. É produto de elaboração própria que nos encontra outros textos apenas modelos ou indicações” (GERALDI, 2010, p. 115). Assim, a mediação da leitura deve ser pessoal para atender o aluno, deve ser à priori de relacionar-se com o processo de mediação.

O ato de ensinar leitura, ora produção de texto, deve estar inserido em um contexto com alguns recursos didáticos que às vezes sejam até “reciclados” como jornais, revistas, bulas, envelopes usados de cartas, envelope de depósitos bancários, rótulos de produtos, piadas, rodas de conversas e outras tipificações textuais existentes na sociedade em que o aluno está inserido. Que estes recursos sirvam para recortes de gêneros textuais e de ferramentas de ensino-aprendizagem para o aluno e professor.

Sendo assim, deve começar a mediação com exemplos, em seguida com estímulo ao ato de ler pelos conhecimentos perifrásticos e à prática da escrita, vem para marcar, apresentar e reafirmar a posição de sua experiência no social em algumas propostas de ação de estar apto a resolver qualquer problema na sociedade.

Mediar leitura em sala de aula ou na biblioteca, significa fazer fluir a substância em matéria de leitura até o leitor, para eficientemente formar e preservá-los leitores. Significa fazer uma “[...] intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais repensado: se, da postura professoral lendo ‘para’ e/ou ‘pelo’ educando, ele passar a ler ‘com’, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro”. (MARTINS, 1983, p.33).

Nessa perspectiva, distanciar a concepção de leitura como experiência puramente sensorial põe-se na concepção da leitura e da escrita como práticas sociais que lemos e escrevemos para fins específicos.

No entanto, estabelece-se uma relação estreita entre o leitor e o objeto de leitura pelo conceito de necessidade. Conversar sobre um texto lido com outras pessoas para compreender o que não havia lido, entendido ou compreendido, numa leitura solitária sobre a exposição de livros em seus ambientes, como livrarias, bibliotecas, sebos e banca de revistas sempre dar um olhar do trabalho reflexivo aberto a aprendizagem.

Valorizar o clima de opinião é trabalhar com o primeiro princípio de contextualização e ao mesmo tempo fazer com que um leitor proficiente mobiliza muitos saberes ao ler. Esses saberes devem ser de ensino na escola durante a mediação de leitura pelo coordenador pedagógico durante a mediação.

Os procedimentos adotados de leituras podem ser variáveis: em dupla, individual, coletiva e feita pelo professor com a finalidade de explicar o conteúdo com intervenções e uso constante de sinônimos de determinadas palavras.

Uma leitura sem intenção de compreensão para os alfabetizados parte de um estudo seletivo e de organização de conteúdo planejado por parte do professor-coordenador.

Diante disso, a orientação de informações específicas e colaborativas ocorre a partir do trabalho em equipe e da socialização de conhecimento. O mediador deve estar atento a suas limitações.

A necessidade da leitura é constituída desde a infância, quando a criança está na fase de argumentatividade dos por quês. A leitura e a escrita são práticas eminentemente culturais, construídas nas tramas das redes sociais.

Sabemos que a necessidade de leitura e de escrita se constituem no bojo social, quando se transformam a leitura de mundo em um bem cultural imaterial valorizado pelo grupo social. Portanto, o ato de ler não se dá por si mesmo, haja vista a leitura ser um consumo cultural e historicamente variável.

Daí a centralidade do mediador na construção do valor simbólico desse produto leitor. Sem a figura do mediador, os livros constituem patrimônio cultural morto inerte à vida e não apropriado ao saber, o que ocorre em várias bibliotecas escolares e nas casas das pessoas civis.

O mediador faz-se necessário para atuar com sua experiência na relação entre leitor e o objeto cultural na reorganização e sistematização do conhecimento sobre o suporte livro. É necessária a construção de um saber sobre o livro que tem valor de uso e valor social, para além da escola e que faça uma relação de necessidade, ou curiosidade de leitura semelhante a sentir-lhe a falta de conhecer o resultado do campeonato de futebol, o final de um filme ou os acontecimentos do último capítulo de uma novela, por exemplo.

A mediação em contraturno nas práticas de incentivo à leitura deve ser como um processo de produção de leitores, de transformações de cidadãos em cidadãos leitores e escritores.

O coordenador pedagógico deve atuar como formador de leitores ao invés de ser o mediador que opera como intermediário ou tradutor junto a pessoas que têm dificuldades de leitura.

Sabe-se que “ler é como chegar a uma horta e saber o que é cada planta e para que ela serve. Quem não sabe nada de ‘ler horta’, entra dentro dela e só vê um punhado de plantas de mato. Um monte de plantas diferentes, mas parecendo que é tudo igual. Quem não aprender a ‘ler’ a horta, a conhecer os seus segredos, não sabe o que é cada uma, como é que se prepara cada uma, com o que é que se come” (BRANDÃO, 2005, p. 49).

A leitura mediada com recursos específicos, como livros, jornais, revistas ou por outro conteúdo escrito determinativo que faz dialogar entre si em um suporte suscetível de ideias, tem parâmetros para convencer e não persuadir.

Nas aulas de reforço é importante, no início da aula seguinte fazer uma retomada e uma contextualização do trabalho anterior com a aula atual, como eixo condutor para o aluno perceber o elo que se faz entre o texto e sua vida social, em suas finalidades específicas de vivências.

Para Geraldi (2010, p. 110), uma analogia que explicita o papel que acreditamos deve ser desempenhada pelo mediador de leitura: pois, “as múltiplas faces do leitor, portanto, se distribuem passando pelas condições sociais, pelos saberes e conhecimentos com que opera e pela competência linguístico-discursiva”.

Segundo Colomer e Camps (2008, p.31), “(...) o leitor é considerado como um sujeito ativo que utiliza conhecimentos de tipo muito variado para obter informação do escrito e que reconstrói o significado do texto ao interpretá-lo de acordo com seus próprios esquemas conceituais e a partir de seu conhecimento do mundo”.

Para as autoras, partindo desse pressuposto, ler implica localizar muitas informações explícitas e implícitas e, para isso, é necessário saber qual repertório

linguístico existe no sujeito. Cabe ao mediador atribuir ao aluno, fazendo-o se sentir seguro com o material didático utilizado. Assim como o jogo, o processo de ensino deve passar pela mediação do professor constantemente usando uma metodologia padrão e depois passar pelas particularidades dos alunos.

No processo ou na proposta de mediação, é necessário construir a ideologia em uma composição comum de reconhecimento da diversidade pluricultural, atribuir a si mesmo a virtude da tolerância e da paciência. Mas, aguçada a curiosidade do aluno, trata-se de obrigá-lo a convergir à verdade social, que prevaleça pela força da persuasão. Coloca-se aqui, a questão de compreender que a leitura pode transformar-se num ato de produção de belas artes, de criação e que é tanto mais rica e abrangente quanto mais se torna inédita.

Numa escola de pequeno a grande porte, é preciso ter clareza que só é possível conquistar realmente aquilo que se pode compartilhar e, por essa razão, qualquer ação ou programa em favor da leitura só terá assegurada a sua continuidade se conjugar, em uma unidade coletiva, as forças e as aspirações de todos os que trabalham pela mesma causa em equipe cooperativista, tendo o aluno como cerne da aprendizagem. A confirmação desse objetivo em ações concretas na autonomia escolar permite ao gestor atribuir à escola uma admiração e um respeito pela sociedade e pelo ensino de qualidade ali prestado.

O coordenador pedagógico estabelece um plano geral de linhas de ação, consolidado por uma concepção teórico-prática unificada acerca dos objetivos do programa para atender ao compromisso de trabalhar pelo incentivo à leitura, ampliando a visibilidade de suas ações voltadas à disseminação dos bens culturais e à difusão da prática de leitura.

A leitura com mediação é importante porque até o endereço passa a ser chamado de logradouro, a avenida em alameda, numa ampliação lexical do aluno. As contas impressas passam a ser chamadas de boletos.

O governo federal, que distribui centenas de milhares de exemplares adquiridos todos os anos pelo Governo para as bibliotecas escolares públicas, para que alunos e professores façam suas mini-bibliotecas, corre o risco de se revelar como uma inútil e trabalhosa dissipação de recurso se não forem pensadas em outras ações que se voltem especificamente a esse problema: a formação do leitor aluno e professor.

Em experiência de coordenador escolar I e II, um coordenador geral da Secretaria Municipal de Educação reconhece que teve muitas limitações de trabalho por falta de conhecimento teórico, errou muito para acertar poucas vezes, no entanto, ainda sentia falta de uma formação de recursos humanos para a promoção da leitura numa perspectiva continuada, pois acredita-se que um leitor se faz no cotidiano tanto na vivência de histórias pessoais e sociais quanto pela sua inserção no processo cultural. Assim, também, a formação de recursos humanos efetiva-se num trabalho gradual e sistemático, para que se tornem promotores de leitura.

Reconhecemos a carência do processo de formação continuada dos promotores de leitura que atuam nessas instituições, sejam eles professores, auxiliares ou regentes de bibliotecas, bibliotecários ou animadores culturais. São formadores que precisam de reciclagem para dominar um público leitor jovem, pois não têm a formação para mediação da leitura.

Todos esses formadores de futuros leitores e escritores devem estar suficientemente envolvidos e familiarizados com a cultura escrita, o que não acontece de fatosos dias de hoje, pois ler, para o professor, é um horror.

Sabemos que o acesso ao material escrito em geral não é homogêneo entre as diferentes classes sociais, aja vista que a integração do sujeito à sociedade está entre a

cultura oral e a cultura escrita. Adicionando a esse perfil a sistemática desvalorização da profissão de professor, responsável pela formação acadêmica do sujeito, temos como resultado a realidade atual de uma maioria daqueles que buscam os cursos de formação de professores, apresentando pouca familiaridade com a cultura escrita e, se não passarem por reciclagem, oficinas e seminários, não estarão aptos a atuar nesse processo de mediação de leitura.

Outro problema sério existente é os pais que sem dúvida os melhores mediadores serem analfabetos, pois esse conhecimento a responsabilidade acaba sendo repassada aos professores, como agentes transmissores da palavra.

Nesse sentido, cabe ao Estado a responsabilidade da criação de condições materiais e simbólicas para a construção desse professor-leitor sujeito de mediação. Fica a cargo do sistema educacional a criação de condições adequadas nos meios de socialização e o planejamento de ações no ambiente escolar ou nas bibliotecas públicas que promovam condições que favoreçam a formação de leitores que faça seu trabalho pedagógico ser útil e de fato dar suporte aos alunos que dele dependem para suprir sua defasagem escolar na leitura e na escrita.

O coordenador pedagógico precisa ser emotivo e perceptivo para a “captação de determinados estímulos mediante os sentidos (...) e em estreita relação com as intenções do sujeito que seleciona automaticamente os estímulos que lhe interessa perceber” (COLOMER e CAMPS, p. 33).

Ao fazer os planos de ação, o coordenador pedagógico precisa deixar clara a ementa e, por essa razão, os planos são pensados segundo as necessidades e as exigências da profissão docente.

Quando este estudo ocorrer em um espaço fora da sala de aula, como a biblioteca, é preciso apresentar aos alunos os catálogos, o modo de funcionamento e a organização dos livros, formas de encontrar os livros nos catálogos e também nas estantes, ter um ambiente motivador, aconchegante e estimulante ao ensino da leitura. Paralelamente, devem ser ministradas oficinas de leitura e escrita.

O coordenador pedagógico escolar pode despertar em outros profissionais o interesse pela promoção da leitura e, assim, levar a leitura a outros espaços sociais tendo como objetivos a valorização do sujeito enquanto pessoa, agente de si e da sociedade. Uma valorização que depende da conscientização dos cidadãos acerca de seus direitos e de sua condição política que envolva a aquisição de conhecimento, o domínio dos meios necessários a esta apreensão da cognitividade, dos quais a leitura será a principal fonte importante para esse fator social.

O coordenador precisa saber que “o leitor realiza uma interpretação determinada da mensagem que se ajusta mais ou menos à intenção do escritor. Saber que condições influem no grau de compreensão da leitura é de grande interesse para o planejamento educativo dessas aprendizagens, já que a capacidade de entender um texto e a possibilidade de ensinar a fazê-lo passaram a ser considerados os aspectos-chave da leitura e de seu ensino”, (COLOMER E CAMPS, p. 47).

Além disso, apresentar ao aluno seu conhecimento e onde poderá aprender se seguir um padrão de leitura e escrita. Assim, ler para reter uma informação, para aprender e para reestruturar conhecimentos, e ler para formar uma ideia geral, conceituar, definir determinadas palavras e expressões, para saber do que trata um livro, um texto literário, que indagações ele suscita no leitor e se aplica em sociedade.

O currículo é a ferramenta básica de compreensão de uma informação sobre a leitura. E o conceito de leitura dever ser aumentado, para que as informações e os conhecimentos socialmente gerados sejam registrados em outros suportes que, sem substituir, se somam aos livros didáticos, literários e aos textos escritos em geral. A

formação de leitores depende da força de vontade, isto é, a aguçada curiosidade que move o leitor em busca de seu objeto ao ser construído socialmente.

A mediação possibilita reflexão sobre as ideias que nos trazem significações de convívio social ou uma expressão que nos seja própria. Aqui cabe o estímulo à criatividade, a leitura da literatura nos ajuda a receber a vida por meio das tipificações de “leitor ideal” nasce dessa união que depende de condições favoráveis, de incentivo e, principalmente, de nosso trabalho diário.

Para uma mediação eficaz, o coordenador pedagógico deve ter bagagem e ao mesmo tempo conhecimento para dar ao aluno, senão, há o que mediar. Esse profissional tem o papel de mediar a leitura e a produção como processo de alfabetização e letramento dos alunos, mas aqui tratamos somente de mediação da leitura. Ele deve ser mediador de leitura que apresente histórias e poesias de forma descontraída.

O trabalho é importante porque visa estímulo do gosto pela leitura de forma prazerosa e livre de obrigações. A figura do coordenador pedagógico é desenvolver a formação do leitor crítico nas diversas formas de manifestações culturais, além de estimulá-los a desenvolver habilidades de raciocínio, espírito crítico e análise, objetivando sempre desenvolver a leitura por meio da mediação, dando ao leitor a capacidade de formar opiniões próprias e de desenvolver a imaginação do aluno para o raciocínio lógico interpretativo e de compreensão.

Portanto, acreditamos que a aula de reforço aplicada pelo coordenador pedagógico com atividade em sala de aula, numa perspectiva mediadora, possibilitou uma análise crítica e profunda das questões interventivas ao longo do tempo, o que contribuiu para a ampliação dos espaços da promoção humana no saber escolar no Brasil.

## **Bibliografia**

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Tradução Eni Pucinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler. Ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FREIRE, Paulo. **O menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, de letras e de palavras. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 208 p.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MATURNA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

NASPOLINE, Ana Tereza. **Tijolo por tijolo: práticas de ensino de língua portuguesa**. Vol. único. São Paulo: FTD, 2009.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. Uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação. Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 5ª Ed., São Paulo: Cortez, 2000.